



# Releituras Mí(s)ticas no romance brasileiro

Mystical/Mythical rereadings in the brazilian novel

Olga Maria Castrillon-Mendes

UNEMAT / Brasil

**PALAVRAS-CHAVE:** ROMANCE BRASILEIRO, MITO, MANIQUEÍSMO.

**KEYWORDS:** BRAZILIAN NOVEL, MYTH, MANICHAISM.

## INTRODUÇÃO

A análise aqui proposta, do romance *Luz e Sombras*, de Feliciano Galdino de Barros (1884-1938), revela um aspecto mítico/místico do romance brasileiro escrito em Mato Grosso, participando da trajetória singular de um sistema cultural próprio. Significa trazer o movimento de descentramento da cultura que passa a assumir papel de protagonista na narrativa histórico-literária brasileira.

Trazendo como tema central questões que envolvem o religioso e o profano, representados pelas relações familiares e o "mito" maçônico, o romance preenche o imaginário popular com imagens que dominam o panorama simbólico das personagens. No contexto de sua escrita revisita a tradição ao reler, mesmo que fragmentadamente, os mitos que envolvem a milenar instituição social. Destaca-se, sobretudo para a época em que foi escrito (1917), pelo recurso intervalar da narrativa que, imagetivamente, retoma o mito do retorno à origem. No caso, a dialética maniqueísta pela permanência da tradição religiosa, concebida como fonte de salvação humana. Ou seja, o conflito entre a ordem social garantida por preceitos religiosos católicos e o caos, fruto da infiltração de elementos estranhos ao meio, portanto, desagregadores.

No centro da disputa, a célula familiar é ameaçada. A opção do narrador pela estratégia formal categoriza, tanto a ideologia do romance, quanto sua tese central – a Igreja perseguida por uma sociedade secreta. Entram em jogo, portanto, as categorias do político, da religião e da literatura, elementos que não se desvencilham da ideologia do próprio autor, ou a subordinação do estético ao ético, como analisa Bruna Freitas (2011).

Nesse sentido, o pioneirismo do romance é discutível se levarmos em consideração o “tropo dos nossos tempos de colocar a cultura na esfera do além”, como assevera Homi Bhabha (2005, p. 19), ou o transitar entre os espaços que produzem as identidades plurais. Não mais a utópica unidade romântica, mas as diferenças culturais que formam a imensidão territorial brasileira. É o sujeito daqui e alhures, estrangeiro para si mesmo que não necessita de um lugar de origem, mas reconhece-se nos “entre-lugares” (Santiago, 1982) passíveis de elaboração de novos signos identitários que possam definir uma ideia de sociedade. Portanto, não se buscam fontes da escrita, mas procura-se compreender o discurso em seu valor singular, cuja temporalidade inscreve-se no horizonte da cultura e organiza o espaço da literatura. Seja dito que esse discurso está carregado de um olhar voltado para a tradição, em detrimento do presente que, esperamos, seja canibal, para que se encontre nela [tradição] a singularidade que estabelece a diferença. Lembramos, nesse sentido, a dicotomia barthiana na leitura de Balzac, em *S/Z* (1999). Nessa análise, Roland Barthes propõe a divisão dos textos literários em textos legíveis e textos escrevíveis. O primeiro pode ser lido, mas não (re)escrito. É fechado, acomoda o leitor, como diz Umberto Eco (1962); mexe com o leitor, fazendo-o também um escritor.

O texto de Galdino de Barros não mobiliza, não transforma. Apenas escreve raciocínios e ideologias das personagens numa lógica simplificada pelo maniqueísmo social. Então, por que trazer um texto que não convida à *práxis*?

Essa questão pretende ser assimilada/deglutida pela própria visão do autor sobre o tema, ressaltando uma experiência imediata através de um tempo, cuja (contra)tradição gera efeitos de sentidos no espaço do “regional”. Sem a reclusão da terminologia, mas a recuperação do discurso da história, apreendendo como se dão as relações entre um conteúdo de forte apelo regionalista e o leitor contemporâneo afeito aos experimentalismos da linguagem. No campo literário minado por essas (e outras) contradições, Galdino de Barros une a postura política, a religiosa e a literária, submetendo-as ao viés moralista que empobrece o fazer estético. As luzes do catolicismo X as sombras da Maçonaria imbricam-se no ideário fatalista/pedagógico do bem sobre o mal, com a vitória deste último.

As experiências individuais ligadas às nacionais de séculos passados que privilegiavam a raça e a unidade cultural deram lugar a articulações que conferem estatuto ao híbrido, lugar de reinvenção da tradição. Nessa perspectiva, lemos o passado nas conflituosas fronteiras

do presente em que não há privilégio do “centro” sobre a “periferia”, mas a necessidade de compreender as diferenças na perspectiva transcontinental e no ato de articular um projeto social revisionista, considerando a intervenção criativa do escritor dentro do “momento intercalar” (Bhabha, 2005, p. 22).

Nesse espaço interior, ao mesmo tempo mítico e estereotipado, o texto de Barros, apesar da falta de elementos narrativos mais sólidos que o sustentem como literatura de primeira grandeza, é representativo das manifestações culturais<sup>1</sup> do início do século XX, em Mato Grosso: fechado às inovações, apesar de internamente a tradição coexistir com os movimentos de vanguardas, como o *Intensivismo*, o *Movimento Graça Aranha* e as Revistas *Ganga* e *Sarã* que imprimiram a inovação da linguagem literária.

As especificidades da literatura decorrem de certas condições históricas que as distinguem pelo viés da diferença no complexo das identidades. No caso da brasileira, o processo colonial abafou culturas e sucumbiu povos em muitas regiões “primitivas”, por isso é tão indeterminado o processo de formação das culturas latino-americanas que dependeram (e ainda dependem) de imagens autodepreciativas e conflituosas.

Conceitos mais recentes de centro e periferia não são novidades, pois podem ser encontrados na tradição histórico-literária através do binômio civilização X barbárie: da *Tempestade*, de Shakespeare, passando pelo argentino Sarmiento, ou ainda em José Martí, como fala Perrone-Moisés (2007, p. 34).

Nos espaços lacunares do imaginário em que se constroem os mitos e ritos, o estranhamento causado pela leitura do romance de Galdino de Barros não deixa de representar uma ordem social como estrutura de base. O enredo carrega o tom conservador à medida que revela elementos presos às raízes culturais nas quais se sustenta.

Esse é o espaço de discussão que nos interessa no romance proposto, pois à história literária cabe evidenciar as manifestações de modo a torná-las parte da produção cultural de um povo e de uma nação, portanto, passível de sentidos que a faz participar do próprio complexo social.

## ENTORNOS DO TEXTO

Muito antes de surgir o texto de Galdino de Barros, Mato Grosso já publicava, em folhetins, o romance *Inocência* do Visconde de Taunay. Este seria, então, o “primeiro” romance mato-grossense, embora seu autor seja um franco-brasileiro. O fato de fazer-se escritor a partir das experiências vivenciadas durante o conflito da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai

---

<sup>1</sup> Pensamos aqui a dicotomia literatura/manifestação literária proposta por Antonio Candido (1997).

(1864-1870) confere ao conjunto de sua obra o caráter de busca de uma identidade nacional a partir de um olhar fora dos eixos centrais de produção.

Já tive oportunidade de refletir sobre a problemática do pioneirismo e a importância historiográfica de Taunay como *regionalista*. Desta forma, teria legado ao tema uma contribuição a partir do conhecimento de um Brasil “mais interior”, representado em textos canônicos ambientados em Mato Grosso<sup>2</sup>. E mais, a viagem e o viajante como elementos intrínsecos ao processo de formação do narrador de ficção, como em *Luz e sombras* em que a trama só se realiza a partir do momento em que o estrangeiro, vindo de além-mar para cumprir uma missão, surge como o *Leitmotiv* em que a narrativa se desenrola.

Trata-se, então, de texto em que, no panorama geral de um Brasil tido como “desconhecido”, possibilita *re-pensar* os processos discursivos da própria história literária. Nessa vertente, tanto Taunay, quanto Galdino de Barros passam a fazer parte da gênese do romance em Mato Grosso. *Inocência* pelo que traz do sabor próprio do “sertão” e da natureza interiorana “bruta; *Luz e sombras*, pelo grau do maniqueísmo religioso/mí(s)tico que se liga ao processo histórico das lutas intestinas entre a política local e o clero no período de estabelecimento da República brasileira.

Nas primeiras décadas do século XX, Mato Grosso passava por graves conflitos entre grupos políticos rivais, que vão requerer do Bispo D. Aquino Corrêa a presença “pacificadora” como chefe de Estado. Mesmo enfrentando forte oposição, revigorou a Igreja Católica e a cultura regional. Nessa postura contribuiu para a legitimação do governo Vargas, entre os anos 1930 e 1945. O intelectual do clero compôs uma vasta obra entre cartas pastorais, discursos, poesias da terra, cujas práticas discursivas podem caracterizar um projeto político-cultural de busca da construção da identidade mato-grossense. O longo governo de D. Aquino transformou a fisionomia cultural do Estado e implementou o sentimento telúrico. Muito do que se conseguiu salvar da memória do passado histórico de Mato Grosso passa pelo sistemático trabalho do grupo de intelectuais liderado pela Academia Mato-Grossense de Letras, da qual é o fundador.

No fecundo texto de Gilmar Yoshihara Franco sobre a construção identitária de Mato Grosso na ótica de Virgílio Corrêa Filho, a *cuiabanidade* adquiriu a capacidade de cultuar a terra e povo. Nesse sentido, a obra de Virgílio Corrêa contribuiu, nas primeiras décadas do século XX, para fixar o projeto político de D. Aquino, “numa busca constante em ligar o passado ao

---

<sup>2</sup> Cf. Castrillon-Mendes, Olga Maria (2007). Taunay e a formação do romance em Mato Grosso. In Zattar et al. (Orgs.), *Fronteiras discursivas: espaços de significação entre a linguagem, a história, e a cultura* (pp. 255-263). Campinas/SP: Pontes.

presente por meio de um fio condutor da memória mato-grossense, sobretudo pela ênfase dada a grandes vultos e seus feitos notáveis” (Franco, 2009, pp. 58-59).

Por isso para pensar sobre a produção literária de/em Mato Grosso, é preciso revisitar a ideia de regionalismo voltado para a dicotomia do local *versus* global e as marcas estereotipadas da “coisa nossa”. O discurso regional é revelado, intrínseca e diretamente, por uma visão de identidade e de unidade. Identifica-se pelos elementos particulares nos quais subjaz um processo de construção imagética vinculado diretamente ao lugar social de onde o escritor acessa o mundo. Nesse sentido considero a perspectiva do regional da forma como analisada por Mário César Leite:

A linha ininterrupta espaço-temporal, literariamente falando, engendra-se e debate-se basicamente nesse drama de construção-elaboração que projetou e definiu o regionalismo e nele, e com ele, as noções de identidade(s) e cultura local. É isso que garantiu a criação do sistema literário legitimando autores, historiadores, comentaristas, etc. [...]. A amálgama do sistema é o discurso regionalista. (Leite, 2015, pp. 43-44)

Apesar do acento local visível em boa parte da produção que caracteriza o campo literário, o cenário se transforma a partir dos anos 1990. Somado o conjunto das obras representativas que se tem hoje, estamos longe de caracterizar uma única via de acesso ao sistema, o que não faz essa literatura ser maior ou menor que outras. Pelo contrário, coloca-a no universo das discussões estéticas do momento em que Mato Grosso se coloca como partícipe do sistema sócio-político e cultural globalizado.

Assim, entre o que se produziu em termos de imagem literária de/sobre Mato Grosso, desde Taunay (e mesmo antes dele), e as imagens outras que entram na composição do universo plural de significação do panorama brasileiro, é assunto em revisão. Isso não ignora, certamente, a tradição nem os novos padrões literários que se realizam de forma efetiva, sem perder de vista a coerência interna das obras e dos conceitos historicamente em movimento.

Muitos grupos repensam as vertentes regionais que vão desde as noções de região, na perspectiva geográfica, até a visão simbólica do espaço no ritmo cósmico sem subordinação categorizada. Há, então, interesses coletivos de valorizar os sentidos que estão atuando nos desvãos da poética do espaço que ultrapassa o tempo e a geografia, momento em que o reencontro com os arquivos e as reedições se une aos sempre saudáveis conflitos do embate de idéias seminais.

Os esforços das Instituições, aliados aos dos pesquisadores das Universidades do Estado, têm sido de fundamental importância na difusão e preservação de produções representativas do cenário cultural de Mato Grosso.

*Luz e Sombras* faz parte desse salutar esforço conjunto de contribuir para a compreensão do sistema literário brasileiro. É o primeiro exemplar da “Coleção de Obras Raras da Literatura Mato-grossense”, editado pela UNEMAT em parceria com a Academia Mato-Grossense de Letras. Subjaz no livro o caráter da aventura, não obstante as dificuldades de execução do projeto e as imperfeições decorrentes da atualização ortográfica.

## GALDINO DE BARROS E O CONJUNTO DE SUA OBRA

Para os devidos esclarecimentos, trago os registros de Rubens de Mendonça (1971, p. 28 e 1975, p. 20) sobre o escritor Feliciano Galdino de Barros: Cuiabano nascido em junho de 1884, viveu algum tempo na então capital do Império, o Rio de Janeiro, e faleceu em sua cidade natal, em dezembro de 1938. Ligou-se às ideias e movimentos de transição estética que o tornaram ativo participante da política mato-grossense, tanto como professor, quanto como jornalista colaborador dos periódicos *A Cruz*, *O globo*, *A união*, e as Revistas *Pró família*, *A violeta* e *Anuário do Rio Grande do Sul* que carregam, na própria denominação, o caráter religioso, político e da visão da família como célula social, aspectos presentes nos entremeios semânticos das *luzes* e das *sombras* do romance.

*A Cruz*, por exemplo, foi um jornal católico fundado por Frei Ambrósio D’aydé<sup>3</sup>, em 1910; *A União* (1919) divulgou as ideias dos grupos adeptos do operariado; a Revista *Violeta* (1916), publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes, o único periódico do Estado dirigido e organizado por mulheres e a Revista *Pró família* (órgão do Círculo Domingos Sávio), são denunciadoras do perfil intelectual e do papel exercido pelo narrador do romance *Luz e Sombras*, conforme

---

<sup>3</sup> Fr. Ambrósio Daydé (1875-1945) é da região francesa de Albi e veio para o Brasil como responsável pelo primeiro grupo de franciscanos que aportaram em Mato Grosso (Vila Bela) e Cuiabá, exercendo uma vida militante de 41 anos de apostolado. Foi o construtor da Igreja do Bom Despacho, em Cuiabá. Fundou o Jornal *A Cruz* e a Liga dos Homens Católicos, lutando em favor dos trabalhadores das usinas de açúcar e contra o Espiritismo, o Protestantismo e a Maçonaria. Em seu primeiro número, o Jornal *A Cruz* anuncia seus objetivos: “necessitamos, na verdade de um órgão católico, francamente católico. Calúnias obscenas dirigidas contra o catolicismo espalham-se na nossa sociedade, e nunca se levanta uma voz franca, destemida, a desmenti-las. *A Cruz* será a nossa bandeira. O Evangelho, o nosso código”. Em Cáceres, Frei Ambrósio trabalhou em prol da edificação da Catedral São Luiz, fundou o dispensário São Luiz (hoje Hospital São Luiz) e uma velha escolinha edificada por ele no Bairro do Junco foi reconstruída com o seu nome e funciona até hoje (Cf. Biènnés, 1987, pp. 74-85).

dados compilados por Yasmin Nadaf (1993). Tudo isso, marca a trajetória identitária do escritor que foi, também, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Suas publicações remontam a outras, além do romance em pauta: *A região dos Mares; Lendas matogrossenses* (1919); *Cuiabana; O perigo Yankee; Páginas Intimas; Grupiaras; Idéias e Reflexões* e alguns dramas e comédias. Mesmo sem ter tido acesso ao conjunto de sua obra, o que dificulta, neste momento, julgamento mais cuidadoso<sup>4</sup> não me parece haver, em Barros, nenhuma preocupação programática, mas uma temática generalizadora e engajada no ideário católico, o que explica, em parte, o forte apelo dado ao tema.

Assim, visando ampliação dos estudos em pauta, as anotações mais completas sobre o conjunto da obra do escritor encontram-se, ainda, nas pesquisas de Yasmin Nadaf. Estão entre prosas literárias curtas e contos publicados no jornal *A Cruz* entre 1874 e 1950. São elas: *O nosso Angelus* (1922), *A batina nova do Sr. Vigário* (1926), *A árvore maldita* (1928), *O socorro de Jesus e Cinzas do passado* (1929), *Até Pirahym* (1931), *O meu gatinho rajado* (1932), *O chalé de Nhanninha e Nem um nem outro* (1934).

Com relação ao romance *Luz e Sombras*, a pesquisadora diz:

A obra antecipa a linha inflexível de defesa dos **valores morais e cristãos** eleita para o conjunto de sua escrita literária ou não. Apresenta a estória de uma família honrada, virtuosa e cristã **ameaçada**, e depois **destruída pela Maçonaria**. O estilo funde o Romantismo à estrutura folhetinesca e, assim, descrições líricas se misturam à **intriga veloz de suspenses e tragédias**, com destaque para as **perseguições e mortes** por assassinato, morte natural decorrente da perda de entes queridos, e reclusão em mosteiros e conventos. (Nadaf, 2002, pp. 167-187, grifos meus)

Tais constatações que têm em uma Instituição social, a maçonaria, o motivo básico do argumento, unem segredos, ameaças, destruição, suspense e mortes, tudo temperado pela descrição da personagem feminina e da natureza como idealizações românticas, estilo a que os escritores mato-grossenses permaneciam vinculados, mesmo às vésperas do movimento cultural da Semana de Arte Moderna de 1922.

Há, então que pensar, tanto no entrecho romantizado, quanto nas questões sociais de fundo que emolduram uma narrativa sem tropeços, mas que traz a novidade da composição

<sup>4</sup> Proust em suas reflexões acreditava que a boa crítica só é possível pelo conhecimento pleno da produção total do escritor. Por isso nosso propósito de leitura do romance de Barros parte do princípio da análise relacional da obra nos seus contornos transculturais. Não uma relação entre elas, mas os entornos que podem proporcionar os deslimites do conceito de regional, a partir da leitura mí(s)tica.

da trama, entremeada por mistérios seculares rodeados de histórias que contribuem para garantir o misticismo do romance.

## IDENTIDADES LOCAIS EM SUPORTES MÍ(S)TICOS

O percurso identitário do romance pode-se dar pelo próprio trecho que, ao desfiar o fio narrativo, insere as discussões para além dos dramas cotidianos. A imprecisão dos dados que mais chamam atenção do leitor – o segredo maçônico que costura os mistérios do enredo – cria o processo de simbiose em que as personagens se tornam dependentes umas das outras, o que acarreta o efeito dominó da intriga. A aliança entre o espaço e o tempo narrativos ao mesmo tempo em que dilui, unifica os sentimentos que oscilam entre pólos extremos que vão da ternura ao ódio mais intenso.

O artifício discutido pelo narrador coloca em discussão a perda dos valores religiosos, cujos princípios o jornal *A Cruz* defendia. Não me parece ser uma obra esteticamente elaborada pela ausência de partes (de que pouco se dá conta), mas o trecho é absorvente. No dizer de João Antonio Neto, um fio narrativo “interessante” (Neto, 2008, p. 29).

Uma família “que se salientava pelas suas peregrinas virtudes” (LS, p. 47)<sup>5</sup> é totalmente destruída por um “estrangeiro” português, que surge como uma *sombra* no romance, momento em que o leitor se dá conta da origem do caos preparado nos cinco primeiros capítulos.

Na viagem de travessia do oceano, D. Amarante faz-se acompanhar de Flávio, membro da família católica fervorosa que irá dar cabo, no Brasil, de um delator dos segredos maçônicos que, *in limine*, é o próprio irmão, Cristóvão, perseguido por ter revelado “a força oculta e todos os mais segredos da maçonaria” (LS, p. 113). Uma retomada do mito bíblico de Caim e Abel, cuja crise de aspecto moral, será responsável pelo aniquilamento da própria estrutura familiar.

- Escuta, meu caro Flávio, escuta: és neófito ainda, e eu já bem graduado, sei de tudo quanto se passa em teu país natal, melhor que tu. Conheço a fundo sua política. O trono do Império está solapado em seus fundamentos, somente uma coisa aguarda-te [...]. Depois te direi. (LS, p. 75)

A mistura de tratamento dá o tom coloquial da narrativa dirigida ao leitor comum, sinalizando a ausência de dificuldades linguísticas. Ao diálogo inicial segue-se um capítulo de descrição da personagem Clarinda, irmã de Flávio, contraponto romantizado da história e alvo das atenções de D. Amarante. À pureza da menina “que fugia ao menor contato aos homens” vai

<sup>5</sup> Doravante, as citações do romance serão indicadas pelas iniciais do título LS.



se contrapor um estrangeiro que “ninguém da casa sabia quem era” (LS, p. 86). De repente, encontrava-se perante os seus dois alvos: sua futura vítima (Cristóvão) e a “rosa em botão” (Clarinda). Está posto, pelas nomeações, o entrecho a ser desfeito pela luta entre as forças do bem e do mal, cada qual representada por um membro da família (LS, p. 89).

Para a compreensão do universo das idéias “sinistras” que enfeixam o romance, emoldurando o clima do secreto plano da “terrível seita que tem infelicitado o mundo com os seus crimes abomináveis, com os seus escândalos enormes...”, o narrador ocupa os primeiros capítulos da obra, enxertando em outros, explicações em torno dos crimes praticados sob “decretos irrevogáveis”:

- Teu verdadeiro irmão sou eu, pela fé, pela amizade; sou eu que te acompanho os passos pela senda da vida e que zelo pelo teu caráter como um tesouro que me pertence. Desprezar-me-á então por um irmão que é teu inimigo na fé e escarneador de teus ideais? (LS, p. 55 e 112)

Entre as *luzes* da religião católica e as *sombras* de uma instituição não menos milenar, presentes no interior da narrativa, o romance suscita discussões sobre o extra-narrativo, quebrando sua unidade, tudo causado por uma organização que se espalhou por todos os continentes, influenciando comportamentos sociais<sup>6</sup>. Então, não busquem os leitores identificação, muito menos autorreferência às questões localizadas, mas categorias universalizantes de atitudes humanas, como aquelas de Flávio:

- O meu pai? Minha mãe também? Oh! Maldito dia em que nasci! Maldita hora em que me filei à maçonaria... Ah! Os meus crimes são tão grandes que não merecem perdão!... saca o teu punhal, vil estrangeiro e acaba de cortar o fio da minha existência nociva. E irei para o inferno conviver com os maus! (LS, p. 246)

Ao seguir preceitos que não aqueles adquiridos no seio da família cristã, Flávio se corrompe e proporciona o esfacelamento da célula familiar. Mesmo tendo consciência das escolhas que faz, arrepende-se e aguarda os castigos dos quais se tornou merecedor. Daí o final sombrio e inconcluso da narrativa, também uma inovação para a época.

O conjunto lendário que explica as origens e evolução da Maçonaria alimenta o imaginário acerca da Instituição. Algumas narrativas como a do romance em foco, relaciona-a

<sup>6</sup> Cf. Cordeiro, Tiago (2008, novembro). *Maçonaria: a poderosa sociedade secreta que influenciou líderes inacreditáveis e definiu momentos cruciais da História*. *Revista Aventuras na História*. São Paulo: Abril Cultural, 64, 26-34. Cf. também o estudo de Mauro Ferreira Mendes (2007). *A presença da Maçonaria na cidade de Cáceres (1900-2000)*. Departamento de História/UNEMAT/Cáceres.

a elementos obscuros e contrastantes com os valores morais, principalmente os de cultura judaico-cristã. Por isso a narrativa tende ao pitoresco que é uma forma de torná-la popular e propícia à imaginação coletiva, o que une à ideia de Maçonaria que entra o século XX como sinônimo de anticlericalismo e anticristianismo, fato que pode ter contribuído para torná-la cada vez mais envolta em nebulosos mistérios.

Permeando esta compreensão do romance as ressonâncias míticas entram na composição dos elementos que caracterizam o homem do interior, arraigado a valores morais e comportamentos sociais rígidos. Tradição e linguagem, portanto, transformam o texto em um caso singular na literatura mato-grossense, de modo que passamos a vê-lo num plano especificamente literário.

Essa opressão pela busca do nacional parece se presentificar na trama desenvolvida por Galdino de Barros. Mesmo sem a preocupação de criar uma cultura local ou nacional, a atração pela relação com Portugal (cabe a um personagem português vir ao Brasil para resolver o problema da quebra do sigilo maçônico), a oposição metrópole X interior corresponde a um processo de colonização que teima em não desatar os seus nós históricos. Perante o Brasil, Portugal sempre exerceu papel hegemônico e poucas vezes se levantavam a favor de uma solução artística para o problema, pois os focos regionalizados não faziam frente às discussões.

De todos os qualificativos utilizados no romance, dois pontos chamam imediata atenção do leitor. O primeiro, a ousadia do assunto central da estória nos primeiros anos do século XX, em Mato Grosso. Outro, o fato de o mesmo ter ficado no anonimato por mais de meio século, descoberto pelo crítico João Antonio Neto nos anos 1970<sup>7</sup>. Ambos os casos são explicáveis, pois um se completa pelo outro, dada a iminente participação do clero nas questões sociais, principalmente durante o governo de D. Aquino.

De qualquer forma, resta-nos perceber até que ponto Galdino de Barros coloca o narrador como denunciante de uma situação político-religiosa ou como forte defensor dos preceitos católicos. E essa é uma das fraquezas do romance. Não dando conta de tratar o episódio de forma mais clara, explicável pelas relações de poder entre a igreja e a sociedade, o trecho romântico domina boa parte da trajetória das personagens. Assim, para além de um romance inaugural dos conflitos mí(s)ticos na literatura de Mato Grosso, é determinante para sua inclusão entre aqueles que fizeram parte das discussões religiosas na literatura brasileira e a história literária não conseguiu (ainda) registrar.

---

<sup>7</sup> "Advertência" do Editor Carlos Gomes de Carvalho ao primeiro volume da Coleção Obras Raras, p. 254.

Em maior ou menor grau, o tema religioso esteve encoberto pelo entrecho romântico na literatura. Por isso, Walnice Vilalva trata o romance como de “formulação ideológica” e de “conflito entre seres humanos gerado pela fé e pela religião”, onde um narrador “extradiagético com onisciência seletiva” se deixa permear pelo mistério (Vilalva, 2008, p. 33-4). Daí o perturbador acento maniqueísta da obra do qual o narrador não consegue se desvencilhar.

Desta forma, não há como festejar a realização estética do romance, mas trazê-lo à tona garante discussões que levam à compreensão do *sistema* tão importante no momento de consolidação dos estudos literários em Mato Grosso e, principalmente, pela necessidade do auto-conhecimento da pluralidade significativa da cultura interior do Brasil nos calorosos estudos sobre o decantado regionalismo e questões de identidades culturais.

Galdino de Barros está próximo ao que Mário de Andrade (1978, p. 351) denominou de “entidade nacional dos brasileiros” ao voltar-se para as singularidades das regiões culturais, evitando o “idealismo da identidade”, de que fala Leyla Perrone-Moisés. A pesquisadora, na necessidade de compreender as questões identitárias a partir da literatura, diz que o escritor modernista usou a palavra “entidade”, acreditando ser ela “a que convinha ao brasileiro, por se tratar de um sujeito cultural ainda indefinido, em formação, em devir” (Perrone-Moisés, 2007, p. 17), como são representadas as personagens do romance em estudo.

Assim, Barros fornece entradas efetivas para o conjunto dos discursos culturais que expressam as primeiras décadas do século XX, em Mato Grosso, e que atualizam a luta pela conservação do patrimônio cultural como desafio que os latino-americanos devem enfrentar no século XXI.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barroso, G. (1938). *História Secreta do Brasil: da maioridade de D. Pedro II à República*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Barthes, R. (1999). *S/Z*. São Paulo: Ed. 70.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Biennès, M. (T. O. R.). (1997). *Uma igreja na fronteira*. São Paulo: Ed. Loyola.
- Candido, A. (1997). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (8ª ed.). Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia.
- Castrillon-Mendes, O. M. (2007). Taunay e a formação do romance em Mato Grosso In Zattar et al (Orgs.), *Fronteiras discursivas: espaços de significação entre a linguagem, a história, e a cultura* (pp. 255-263). Campinas/SP: Pontes.
- Castrillon-Mendes, O. M. (2010). Entre as luzes e as sombras do primeiro romance escrito em Mato Grosso. In André, R. L. M. (Org.), *Encontro de literaturas hispânicas, brasileira e portuguesa* (pp. 289-295). Cuiabá-MT: Publicações do Mestrado em Estudos da Linguagem.

- Eco, U. (1962). *A obra aberta*. São Paulo: Perspectiva.
- Franco, G. Y. (2009). *O binóculo e a pena: a construção da identidade mato-grossense sob a ótica virgiliana (1920-1940)*. Dourados/MS: EdUFGD.
- Freitas, B. M. (2011). *O fenômeno literário Luz e sombras de Feliciano Galdino de Barros*. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Tangará da Serra-MT/PPGEL/UNEMAT.
- Lopes, T. P. A. (1978). *Macunaíma, herói sem nenhum caráter*. RJ/SP: Livros Técnicos e Científicos/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia.
- Mendonça, R. de (1971). *Dicionário biográfico mato-grossense* (2ª ed.). Cuiabá: Ed. do autor.
- Mendonça, R. de (1975). *Bibliografia mato-grossense*. Cuiabá: Ed. UFMT; Secretaria de Educação e Cultura.
- Nadaf, Y. J. (2002). *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Neto, J. A. (2008). O nosso mais antigo romance. In Barros, F. G. de. *Luz e sombras* [1917]. Vol. 1 (pp.29-30). Coleção obras raras. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras/UNEMAT.
- Pedraça, C. M. (2010). *O universo ideológico de Dom Aquino e os anos Vargas: entre a igreja e o estado (1930-1945)*. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT.
- Perrone-Moisés, L. (2007). *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santiago, S. (1982). *Vale quanto pesa: a ficção brasileira modernista* (pp. 25-40). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Vilalva, W. (2008). As sombras do passado. In Barros, F. G. de. *Luz e sombras* [1917]. Vol. 1 (pp. 33-40). Coleção obras raras. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras; UNEMAT.
- Guimarães, L. M. P. (2005). Primeiro Congresso de História nacional: breve balanço historiográfico no alvorecer do século XX. On-line. Disponível em: [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg18-7.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg18-7.pdf)  
Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

## RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre a presença do mito/místico no romance *Luz e Sombras* (1917), de Feliciano Galdino de Barros (1886-1938), tido como o primeiro romance escrito em Mato Grosso, Brasil. Neste sentido, a análise, em suas bases iniciais, privilegia o binarismo maniqueísta que entra na composição narrativa como elemento desestruturador das personagens e das relações familiares.

## ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss the presence of the myth / mystical elements in Feliciano Galdino de Barros' romance *Luz e Sombras* (1917), considered the first written novel in Mato Grosso, Brazil. In this sense, the analysis in their initial basis, favors binary manichean entering the narrative composition as destructuring element of characters and family relationships.